



TRIBUNA Livre

21
DEZEMBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRETOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

Torre de Babel...

Humanidade não desiste de suas loucuras. Sem dúvida, a marcha triunfante das descobertas da inteligência humana atinge dia a dia os limites do inesperado, mas estas luzes, que iluminam a terra, produzem na alma de muitos de seus habitantes uma vaidade que os cega e lhes deixa perder de vista a primeira e mais importante das verdades — a divindade.

Esta obcecção e desmesurado culto da matéria deixa campo aberto ao mais desenfreado ateísmo e põe em risco os mais sagrados princípios da verdadeira solidariedade humana.

A natural tendência do homem para libertar-se dos males e fracas condições que o afligem e impacientam à face da terra, desde o momento que desvia os olhos desse eterno contentamento das aves do céu e da singeleza dos lírios dos campos, é de ontem e de hoje: é de todos os tempos.

O povo hebreu habituara-se a ver surgir dos seios das nuvens a figura de Jeová... e, pouco depois do dilúvio, que uma relativa cultura denunciava já o seu progresso; e a moralidade se estendia a par e passo, os descendentes de Noé também quiseram, cheios de orgulho, aproximar-se das estrelas.

A falta dos meios de que o homem de hoje dispõe no seu livre domínio do espaço, empenharam-se então em construir a célebre torre de Babel para esquivarem-se da morte

Por Domingos M. da Silva

e recuperarem sem mais delongas o paraíso perdido.

Deus confundiu a sua louca presunção, dando-lhes línguas diferentes; e, mal afortunado o temerário empreendimento, separaram-se e tomaram por chefes os mais fortes de entre eles com vista à posse da terra, já que lhes era vedado o domínio dos céus... e daí

nunca mais se perdeu de vista a ideia de fazer o céu neste mundo.

As faculdades intelectuais e morais da alma humana são profunda e inalteravelmente as mesmas em suas eternas manifestações e aspirações e efectivamente a terra não basta para satisfazê-las.

(Continua na 4.ª página)

Por nosso intermédio

o Sr. Presidente da Câmara DESEJA AO CONCELHO BOAS FESTAS e FELIZ ANO NOVO

Na passada quarta-feira, ausentou-se para Lisboa o sr. D. Nuno Luiz de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), ilustre Presidente da Câmara, que ali vai passar cerca de um mês.

Antes de se ausentar, Sua Ex.ª veio à nossa redacção apresentar os cumprimentos de despedida, dizendo-nos ainda que, por nosso intermédio, se despedia de todo o concelho, desejando a todos os munícipes um Natal Feliz e um Novo Ano repleto de prosperidades e venturas.

E' com a maior satisfação que transmitimos a todos, as palavras gentis e fidalgas do seu Ex.º Presidente.

Agradecemos desvanecidos a atenção e em nosso nome — e julgamos podê-lo fazer também em nome do Concelho — desejamos-lhe, além duma feliz quadra do Natal, um Ano Novo em que os seus desígnios se cumpram e na vida pública e privada encontre os mais assinalados êxitos.

A POSSE DO SR. ADÃO ARANTES RUSSELL,

efectuada na passada 2.ª feira, no Governo Civil, teve a presença de muitos amigos e admiradores

Foi empossado, na passada segunda-feira, cerca das 19 horas, no alto cargo de vice-presidente do nosso concelho, o sr. Adão Arantes Russel, nomeado por portaria a que já fizemos referência.

«Tribuna Livre»

Deseja a todos os seus colaboradores, assinantes, anunciantes e amigos, um NATAL FELIZ e um ANO NOVO cheio de prosperidades.

A mencionada posse deu-se no Governo Civil, concedida pelo respectivo titular Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, sr. Dr. António de Azevedo Abranches, com a presença do sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, presidente da nossa Câmara, dr. Manuel Arantes Rodrigues, vice-presidente da Comissão Concelhia da U. N. e Juiz Municipal; dr. António José da

(Continua na 4.ª página)



O NATAL

CONTADO O vestidinho da boneca

POR EME

INHA acabado a catequese e a pequenada saía em alvoroço para o adro da igreja.

Ali mesmo, o zeloso pároco chamou para junto de si todos os pequeninos discípulos para lhes falar sobre o projecto de fazer um Presépio de Natal.

E começou assim a entabolar conversa:

— Sabeis vós quando é o Natal?

— Depois de um breve silêncio, respondeu: faltam quinze dias.

— Respondeste bem. E o que pensas tu e os teus companheiros em fazer no Natal?

— A esperta Mariana respondeu prontamente: ceamos, depois vamos à missa do galo...

— Está bem, mas eu quero que se faça mais alguma coisa. Eu vou preparar um presépio para o Menino Jesus, mas falta-me uma coisa. Já tenho tudo menos as palhinhas para o deitar, e estas, eu quero que vós as arranjeis.

— Pedrinho voltou a dizer prontamente: nós temos em casa muita palha e eu peço, a meu Pai, a que o Senhor Abade desejar.

— Não é isso que pretendo; quero que tragam do que é vosso e não o que é de vossos pais. As palhinhas de que falo custam muito a obter. Querem saber como se conseguem? Escutem: quando em vossa casa a mãezinha vos der uma ordem para cumprir, não espereis que a repita e isso muito vos custe, para além, com este sacrifício, uma palhinha para oferecer ao Menino Jesus; chegada a hora de ir para a escola, haveis de ter a lição bem estudada e partir de boa vontade, fazendo todo o sacrifício para não arreluiar, nem vossos pais nem o professor, e assim tereis outra linda palhinha; se vos custa vir à catequese e estar na igreja com juízo, conseguireis outra palhinha se vos portardes com atenção e respeito;

(Continua na 4.ª página)



Lá no Céu, e na terra alegria!
Sinos, repenicaí festivamente...
Nasceu Jesus; e a Virgem Mãe Maria
Sobre Ele inclina o rosto sorridente.

Não há cortinas nem abafos quentes
Para do frio defender Jesus;
Teias-de-aranhas só, do tecto rentes
Ao mundo encobrem esta nova Luz.

E treme, treme sobre a fresca palha
Este querido pequenino Infante;
Porque sómente o aquece e o agasalha
Do jumento e do boi baso constante!

A neve cai; pendem ramos em choro,
Porém, sobre este tecto natural
Abre-se o Céu, e dos anjos o coro
Canta aos pastores:—Natal! Natal! Natall...

De Theophile Gautier

Tradução e adaptação de UERBA

S.  R.**CÂMARA MUNICIPAL DE AMARES****RECENSEAMENTO ELEITORAL****EDITAL**

Artur Godinho Ribeiro, servindo de Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Amares.

Faz saber nos termos e para os efeitos do artigo 10.º da Lei B.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1958 terão início em 2 de Janeiro próximo e terminarão em 15 de Março, podendo inscrever-se:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e impos-

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a)—Curso geral dos liceus;
- b)—Curso do magistério primário;
- c)—Curso das escolas de belas artes;
- d)—Cursos do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e)—Cursos dos institutos industriais e comerciais;

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras, que vivam inteiramente sobre si.

5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diploma de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia.

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d)—Pela respectiva declaração dos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a)—Pela exibição, perante a comissão de

freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b)—Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças;

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no artigo 13.º da citada lei.

Não podem ser eleitores.

1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º—Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º—O que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º—Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no recenseamento ao presidente da comissão recenseadora, por intermédio das comissões de freguesia e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Quaisquer esclarecimentos relativos à inscrição podem ser solicitados na Secretaria da Câmara Municipal em todos os dias úteis, das 9^h às 12^h, e das 14 às 17 horas, ou às Comissões de Freguesia, durante as horas normais de serviço.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em dois jornais deste concelho, se os houver.

Amares, 11 de Dezembro de 1957

(a) Artur Godinho Ribeiro

«Tribuna Livre» - N.º 102-14-12-57

Secretaria Judicial de Amares

(2.ª publicação)

No dia 8 de Janeiro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial do Julgado de Amares, sita no Largo de D. Gualdim Pais, desta Vila, na execução por custas e selos que o Digno Agente do Ministério Público move contra António Vieira e mulher Maria Rita Fernandes, residentes no lugar da Grova, da freguesia de Figueiredo, deste Julgado, hão-de ser postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados por quem maior lance oferecer, acima do valor adiante indicado, os seguintes imóveis e móveis penhorados àqueles executados:

PRIMEIRO

Campo do Barquinho, sito no lugar de Transfuntão, da freguesia de Figueiredo, a confrontar do nascente com a estrada pública, norte com terras de António da Silva, de Cartem, do poente com terras dos herdeiros de D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho e do sul com Francisco Vieira, inscrito na matriz sob o artigo 456. Entra em praça pela quantia de três mil oitocentos e setenta escudos.

SEGUNDO

Casa de habitação com rio, olival e eido junto, com estanca-rios e respectivo engenho de tirar água, sito no lugar da Grova, da freguesia de Figueiredo, a confrontar do norte com José Luiz Fernandes e dos demais lados com herdeiros de Manuel José Vieira, inscrito na matriz urbana sob o art. 67 e na rústica sob o art.º 94. Entra em praça pela quantia de dezanove mil oitocentos e dezoito escudos.

MÓVEIS

Duas pipas de vinho da colheita de 1957, no valor de três mil escudos; uma pia de pedra grande, no valor de cinquenta escudos; três caixas na loja, uma com quatro rasas de milho, duas caixas na residência, duas outras em mau estado, uma outra no quarto do António. O milho no valor de cem escudos e as caixas no valor de trezentos escudos; um serrão no valor de quarenta escudos; um chaveiro de um carro no valor de quarenta escudos, uma tacha de barro no valor de vinte escudos; uma bicicleta, marca «Diamante», no valor de quatrocentos escudos; duas grades de ferro, de gradar a terra, no valor de duzentos escudos; duas mesas e um banco no valor de cinquenta escudos; um lagar com o competente fuso, no valor de trezentos escudos; um carro de bois completo no valor de duzentos escudos; uma prensa de moer uvas no valor de cem escudos; grades de uma prensa no valor de cinquenta

Tribuna Livre» - N.º 102-14-12-57

ANÚNCIO Concurso Médico

(2.ª publicação)

A Mesa da Confraria de N. S.ª da Abadia, faz público que está aberto concurso para o lugar de Médico, para o Posto Clínico de Santa Marta de Bouro, durante o prazo de 15 dias, a contar da data deste anúncio.

As condições estão patentes, na Secretaria da Mesa da Confraria em Bouro, para os interessados, todos os dias úteis, das 13 às 17 horas.

Os candidatos deverão apresentar: Requerimento, certidão de nascimento e atestado de residência.

Bouro, 14 de Dezembro de 1957.

Pela Mesa, o Secretário,
António José Antunes
d'Almeida

CONDIÇÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 35\$00
Ano . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 91\$00
Ano . . . 182\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 115\$00
Ano . . . 230\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano . . . 120\$00

Quem neste jornal anuncia, o seu negócio amplia.

escudos, seis cascos de pipa no valor de quinhentos escudos; um casco de 18 almudes no valor de cem escudos; uma pipa comprida no valor de cinquenta escudos; um arado no valor de trezentos escudos; dez escadas no valor de duzentos escudos; outra grade no valor de cinquenta escudos; dois cambões com cadeias no valor de cem escudos, uma dorna no valor de vinte escudos; duas medas de palha de centeio e uma de feno no valor de trezentos escudos; espigas que devem dar oito rasas no valor de duzentos escudos; uma mala de couro e um oratório, no valor de cem escudos; uma porca no valor de trezentos escudos e um báculo no valor de cento e cinquenta escudos.

Amares, 7 de Dezembro de 1957.

O Juiz:

Manuel Arantes Rodrigues.

O chefe de secção:

João Barbosa de Macedo,

TRIBUNA do CONCELHO

Mudança das feiras semanais da Feira Nova de 25 de Dezembro e 1 de Janeiro, para as segundas-feiras de 23 e 30 de Dezembro

O Comércio da Feira Nova Amarela, faz público que em virtude de serem feriados nacionais com obrigatoriedade de cessação de todas as actividades não permitidas por lei aos domingos, as FEIRAS SEMANAIS que deviam realizar-se nesta Vila, nos dias 25 de Dezembro e 1 de Janeiro, foram antecipadas, por deliberação da Câmara Municipal, para os dias 23 e 30 de Dezembro (SEGUNDAS-FEIRAS).

Tribuna Desportiva

Assim vai o Nacional da 1.ª Divisão

Realizou-se no passado domingo, mais uma jornada do Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão. Mais uma vez se registaram surpresas e desta vez em grande número. Em sete jogos houve nada menos de cinco surpresas, o que representa nota sensacional. Porto e Sporting foram incluídos nas equipas surpreendidas, sendo derrotado fora do seu ambiente e outro consentindo o empate no seu campo. O Porto que há oito dias subira ao primeiro posto, não teve tempo para saborear os galões de comandante, deixando-se ultrapassar novamente pelo Sporting embora com igual número de pontos. Foi uma jornada que não deve deixar saudades a ninguém, e que consideramos de nota muito baixa, em virtude de se ter jogado tecnicamente abaixo da vitola a que estamos acostumados. Apenas a Académica jogou bom futebol frente ao Sporting que deve ter feito a pior exibição do presente campeonato.

Vejamos agora os resultados gerais da jornada.

Cuf 2, Porto 1 — O Porto deslocou-se ao Barreiro para derrotar a Cuf, com certo favoritismo, pois os portuenses possuem uma bela equipa e além disso havia derrotado o Sporting oito dias antes. Não foram felizes os portuenses que regressaram derrotados sem apelo nem agravo. A vencer por 1-0, os rapazes do Porto não puderam sustentar o ímpeto dos avançados locais, onde Arsenio se destacava como perigoso rematador, acabando por ser ele o responsável pela derrota dos Portuenses. O resultado está certo e a premiar a vitória justa da melhor equipa no terreno.

Setúbal 0, Oriental 1 — O Oriental foi a Setúbal arrancar mais dois preciosos pontos. Os setubalenses em crise desde o início da época, voltaram a ser vencidos no seu campo, o que os compromete seriamente, pois os sadinos estão em má posição. Os setubalenses andam em maré de azar que parece não os querer deixar. Com um pouco de sorte, pelo seu lado, teriam ganho um jogo, que bem mereciam, pois foram sempre superiores ao adversário.

Belenenses 0, Lusitano 0 — No Restelo como aliás em todos os campos, jogou-se mal demasiadamente. Sempre com a bola no ar e aos repêlões, os azuis não conseguiram assentar jogo no terreno, permitindo as intervenções sempre com êxito dos rapazes de Évora, a jogarem bem organizados na defesa da sua baliza.

O resultado está certo pois nenhuma equipa jogou para ganhar.

Sporting 1, Académica 1 — Os leões devem ter feito frente à Académica o pior jogo do presente torneio. Não tiveram calma os rapazes leoninos para vencer este jogo, que era apontado no lote das suas vitórias. A Académica parece gostar de derrotar o

Sporting em Alvalade. Jogando com uma calma extraordinária, os estudantes fizeram girar a bola sempre rente ao solo, de uns para os outros, deixando por vezes pregados ao terreno os leões, que conforme o tempo ia decorrendo mais se iam desnortando, aumentando as dificuldades de chegar ao triunfo. O resultado está certo, pois se por um lado a Académica foi sempre a melhor equipa no terreno, pelo outro lado o Sporting foi a equipa que mais ocasiões de golfe criou, tendo ainda em conta que jogaram quase todo o encontro reduzidos a dez unidades pela falta de Travassos, grande maestro da equipa.

Salgueiros 1, Barreirense 2 — O Barreirense veio ao Porto buscar dois preciosos pontos, que tanto jeito lhes fazem nesta altura da prova. Pela maneira como o jogo decorreu ambas as equipas não mereciam perder, pois jogaram de igual para igual. Assim não aconteceu, pois o Barreirense marcou mais um golfe e é assim que se ganham os jogos, mesmo que a equipa adversária tenha jogado melhor.

Torreense 1, Caldas 0 — O Torreense recebeu no seu campo o Caldas a quem ganhou com certa dificuldade. A vitória foi justa, porque os rapazes de Torres Vedras foram os que mais a procuraram nunca se submetendo a uma toada defensiva.

Braga 0, Benfica 1 — A vinda dos encarnados a Braga criou, como já é tradicional, uma grande expectativa à volta do encontro, levando ao estádio uma assistência regular. Infelizmente o jogo não correspondeu. Jogou-se tão mal, que nunca lembra que em Braga se tenha assistido a um jogo de tão baixo nível técnico. O Benfica ganhou e o que interessa são os dois pontos, mas podemos afirmar que não mereceu a vitória. Também a equipa de Braga não merecia a derrota. O resultado justo da partida seria o empate, pelo facto de se não poder atribuir a derrota aos dois, que seria o justo prémio pelo que fizeram em campo. Um jogo para esquecer.

Após esta jornada a classificação é a seguinte:

Classificação	P.
Sporting	26
F. C. do Porto	26
Benfica	21
Lusitano	16
Académica	15
Belenenses	15
Barreirense	15
S. C. Braga	13
Torreense	13
Cuf	11
Caldas	11
Salgueiros	10
Oriental	10
V. de Setúbal	8

A posse do sr. Adão Arantes Russell

(Continuação da 1.ª página)

Costa, nosso director; Paulo Barbosa de Macedo, presidente da Associação dos B. V.; Domingos Rodrigues e Alexandre de Oliveira, vereadores; D. António de Azevedo Sá Coutinho, Arnaldo da Silva Tomé, dr. Abreu Valença, Albino Araújo, Joaquim Chaves, Amâncio Russel, António Russel, Joaquim António da Silva, António Baptista Fernandes, Godinho Ribeiro, António Alves da Mota, Aurélio e Abílio Andrade.

O auto foi lido pelo sr. dr. Bacelar Ferreira, secretário do Governo Civil e serviram de testemunhas o sr. dr. Manuel Arantes Rodrigues e Paulo Barbosa de Macedo.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. Governador Civil que referiu as dificuldades que a governação oferece e de quanto é preciso encará-la com isenção e dedicação, dentro dos princípios da melhor justiça.

Disse da ingratidão e do mau julgamento com que por vezes são focadas as obras da administração e prometeu ao empossado toda a sua ajuda para que o seu múnos decorra o melhor possível e com os maiores êxitos.

Seguiu-se o sr. Presidente da Câmara que disse das razões que o levaram a escolher o sr. Adão Arantes Russell para o cargo de vice-Presidente da Câmara, referindo especialmente a confiança que o mesmo lhe merece, o qual, tem a certeza o não trairá.

Descreveu a figura do empossado como chefe de família exemplar e como homem conhecedor das funções que agora vai exercer e da confiança em que o concelho beneficia da escolha feita, acentuando

que o mesmo não tem no concelho inimigos e, pelo contrário, muitos amigos.

Falou, seguidamente, o sr. dr. Arantes Rodrigues que em nome da União Nacional disse da satisfação que aquele órgão causou a indicação do empossado, pessoa amiga daquele organismo.

Dirigindo-se ao sr. Presidente da Câmara disse da magnífica obra que o mesmo vem realizando, agora aumentada com uma escolha acertadíssima e do muito que o concelho espera das suas qualidades.

Referiu-se à sua inteligência, ao seu apuro e atenção perante todos os problemas e pessoas, exemplar na sua vida privada e esperançoso na vida pública.

Do empossado enalteceu as qualidades como chefe de família e como funcionário zeloso dizendo da esperança que tem no êxito das suas funções.

Finalmente falou o empossado que começou por agradecer ao sr. presidente da Câmara a confiança nele depositada, de quem fez largo elogio como homem honesto e apurado, fidalgo no coração e nos actos.

Disse da sua dedicação aos princípios da Revolução Nacional e ao homem que com a maior competência preside aos destinos do concelho.

Agradeceu à União Nacional concelha os votos que acabavam de lhe ser dirigidos e ao sr. Governador Civil as palavras que lhe endereçou.

Terminou o seu brilhante improviso acentuando da sua esperança em ser útil ao concelho no qual nasceu e para o qual vai trabalhar.

Aniversários

No passado dia 2 do corrente o menino Alexandre Azevedo Dias.

No passado dia 11 do corrente a srna. Maria Angelina de Azevedo.

No passado dia 12 do corrente o snr. Artur Dias e o snr. António da Costa Abreu Dias.

Quinta-feira - O snr. José Bento Dias Antunes.

Sexta-feira - O snr. António Bernardino Barbosa de Macedo.

Gente nova

No passado dia 23 do mês findo, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sra. D. Maria Angelina de Azevedo esposa estremosa do nosso assinante snr. Artur Dias, ilustre Guarda Nacional Republicana, em Terras de Bouro. Mãe e filho encontram-se bem.

Parabens.

TORRE DE BABEL...

(Continuação da 1.ª página)

A soma de conhecimentos humanos que se tem cumulado de idade em idade por modo a perfazer cada uma das civilizações, na ânsia infinita de descobrir o mais belo e o melhor quer na luta pela vida, quer nos domínios da sabedoria, desde sírios e babilónicos a egípcios e caldeus, gregos e latinos — esse caudal vem a engrossar e a transmitir-se como por herança, sujeita a toda uma série de factores e influências que regem e determinam a constante evolução dos povos.

A experiência mostra como esse movimento e a própria teoria das migrações das gentes se tem verificado no sentido oposto ao da rotação da terra, isto é, de oriente para ocidente, mercê de fenómenos físicos e telúricos em que a procura do sol como razão climática não é a menor dessas determinantes.

A natural sucessão de acontecimentos históricos que se lhe foram congregando, sempre na conquista dos mais avançados problemas das ciências matemáticas e astronómicas, elas levaram na maturidade dos tempos os Portugueses e os Espanhóis de Quinhentos a novos mundos e encerrou-se o ciclo glorioso dos descobrimentos marítimos.

De tempos a tempos levantam-se novas perspectivas ao espírito humano; e as raças que foram de uns a outros continentes, levando consigo toda uma bagagem de cultura, serve de partida para novas arremetidas.

Com a presença dos povos latinos nas Américas, completou-se a volta ao mundo; e, na marcha das civilizações, a latina atingiu a sua meta, cumpriu a sua missão.

A magnífica odisseia dos mares, que venceu tantas dificuldades e perigos contra a fúria dos deuses e dos elementos, sobrepe-se, posta a desafio, a conquista dos espaços infinitos neste ano do Senhor da era atómica.

Se a colossal aventura, que alguns consideram demasiada no âmbito das possibilidades humanas, há-de produzir o seu efeito, pela lógica dos factos precedentes está sem dúvida nos povos da América levar a bom termo a temerária realização; e as gerações futuras muito terão que ver...

Só os eternos eflúvios que dimanam da Luz perene da Civilização Cristã, e trariam aos povos a felicidade e a satisfação por que tanto ansiavam, é que por este caminho em que o desenfreado materialismo se lhes antepõe estão infelizmente longe de avassalar o mundo!

Visado pela censura

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

de Naulila, o Alferes Sereno, e logo que teve conhecimento de forças alemãs no nosso território, organizou uma força com os seus dragões e lançou-se à procura das referidas forças alemãs, tendo-as encontrado. Chegados à fala, os alemães, declararam ao oficial português que desejavam confederar com o capitão-Mór do Cuamáto e que já tinham estado no Posto Civil da Dengoena para falar com o respectivo chefe, mas que este os aconselhara a falar com o capitão-Mór, visto tratar-se de assuntos militares que não estavam na sua competência.

Sereno, aceitou a desculpa e ofereceu-se para acompanhar os alemães ao capitão-Mór do Cuamáto, mas que tinham de ir primeiro a Naulila, sugestão que os alemães aceitaram.

Chegados a Naulila, o alferes Sereno mandou fazer almoço para todos e quando este decorria, os alemães, foram saindo pouco e pouco em direcção às suas montadas que estacionavam na parada seguras pelas rédeas dos soldados alemães, pretos.

Apercebendo, Sereno, de que estava em presença de uma fuga precipitada, correu em direcção dos oficiais alemães, e, de pistola em punho, ao mesmo tempo que lançava a mão esquerda às rédeas do oficial mais graduado — comandante e governador do Sudoeste Alemão, intimou-o a descer da montada; como este fizesse menção de tirar a pistola do coldre, foi alvejado por uma descarga de Dragões, e tanto ele como os 3 restantes companheiros — entre eles dois pretos que já estavam também montados, caíram varados pelas nossas balas.

Em face deste incidente, o comandante Roçadas, recebeu ordens do Governo na Província para seguir imediatamente para Naulila.

Chegada a coluna ao já referido posto da Dengoena, foi o comandante Roçadas informado pelo chefe do referido posto, que as forças podiam seguir sem receio, para Naulila, porque os alemães tinham deixado o território português a caminho da sua colónia, menos os administradores do Sudoeste, o chefe do estado maior e o comandante da força alemã e 2 indígenas que os acompanhavam, por terem sido mortos em Naulila pelas forças portuguesas. Que de uma coisa podiam o comandante Roçadas ter a certeza: A desforra dos alemães. E assim aconteceu.

Ao comandante Roçadas, chegavam todos os dias notícias de Naulila, de que os alemães se preparavam para a desforra e que iam a Naulila buscar as ossadas dos alemães ali enterrados.

O comandante Roçadas, recebeu, em Naulila, um indivíduo, que se intitulou Holan-

dês — mas falava o português corretamente — que lhe vinha pedir licença para se recolher à nossa protecção, que andava refugiado, que vivia no Sudoeste mas os alemães o tinham expoliado dos seus haveres pelo que pedia azilo aos portugueses.

Este holandês, saía todos os dias em serviço de exploração, e quando regressava a Naulila trazia sempre notícias satisfatórias e dizia que os alemães não davam sinal de si. Mas... no dia 17 desse fatídico mês de Dezembro de 1914, o Holandês, desapareceu para não mais ser visto. Mas... nesse mesmo dia, foi comunicado oficialmente pelo comandante de uma divisão de Artilharia (2 peças) instalada nos morros de Caluêque, ao comandante Roçadas, de que tinha divisado forças alemãs que evoluçionavam num canal, em território português, em direcção a Naulila.

Em face deste aviso feito por um oficial português de artilharia e que pedia licença para bombardear a coluna alemã, o Comandante Roçadas, deu ordens formais ao comandante do destacamento do Caluêque, sr. major Alberto Salgado, comandante do 3.º Batalhão expedicionário de infantaria 14, para que não hostilizasse os alemães e os não atacasse senão em caso de tentativa de invasão dos nossos territórios, e dispôs as forças de que dispunha — 2 metralhadoras pesadas, 2 peças de artilharia, a 9.ª e 12.ª companhias de infantaria 14, e a 15.ª e parte da 16.ª companhias indígenas de Landins de Moçambique para defender Naulila de um ataque de surpresa, por parte dos alemães.

A 10.ª companhia do referido 3.º batalhão e um pelotão de dragões de Angola, faziam parte do destacamento do Caluêque; a 11.ª companhia estava destacada no Pacolo e o 3.º esquadrão de cavalaria n.º 11 ainda marchava ao longo do rio Cunene, por causa da água para os solípedes.

A coluna alemã que evoluçionava no referido canal, ao escurecer do dia 17 esgueirou-se a caminho de Naulila e ao romper do dia 18, atacaram Naulila com tal precisão, que as primeiras granadas atingiram os paiois da pólvora e tudo ficou destruído metódicamente.

O tal Holandês, oficial de artilharia alemão, viu assim coroado de êxito o seu papel de espião.

Lutaram heróicamente as mingoadas forças de Roçadas, desde as 4 e meia horas até ao meio dia; as cargas de baioneta sucederam-se umas após outras, mas era completamente impossível resistir por mais tempo a um inimigo bem preparado, bem alimentado e descansado. Houve rasgos de heroísmo e nunca pode esquecer aos combatentes deste

o VESTIDINHO

(Continuação da 1.ª página)

poderão vossos pais premiar-vos pelas boas acções, com dinheiro para guloseimas — quem sabe! — mas se isso acontecer e um pobrezinho se encontrar junto de vós a pedir esmola, preferi dar-lhe o dinheiro, e então tereis uma palhinha, das mais quentes, para agasalhar o Deus-Menino; enfim, auxiliai os velhos e necessitados, rezai pelos enfermos e pelas almas, sede caritativos e com todas estas boas acções formareis no vosso

combate a figura daquele comandante Roçadas que, com desprezo pela própria vida, sereno, calmo como uma estátua de mármore, montado no seu esquelético cavalo, percorria a linha de fogo, sem trincheiras nem abrigos encorajando todos os combatentes pela dignificação da terra de Portugal. Não podia ambicionar uma vitória.

Faltaram-lhe 2 companhias europeias: a 10.ª que estava nos morros do Caluêque; a 11.ª que estacionava no Pacolo; o 3.º esquadrão de cavalaria 11 que seguia rio Cunene acima; 2 metralhadoras e 2 peças de artilharia que faziam parte do destacamento do major Alberto Salgado. Se o comandante Roçadas tivesse sob o seu comando estas forças, nunca os alemães teriam atacado, e se o fizessem, teriam sofrido a maior derrota de todos os tempos, e Roçadas, teria demonstrado o seu irrefutável tacto militar que o acompanhava desde Coalela ao Cuamáto.

Os alemães apresentaram em campo 2 linhas de atiradores e os seus efectivos foram calculados em cerca de 800 homens, com 8 metralhadoras e 7 peças de artilharia; os portugueses apresentaram uma linha única com 385 homens, 2 peças de artilharia e 2 metralhadoras.

As 8 horas, demos a 1.ª carga de baioneta e desmantelamos a 1.ª linha alemã. Os alemães, puzeram em combate a 2.ª linha que estava de reserva e conseguiram desarticular o nosso dispositivo. O comandante Roçadas, ordenou a retirada para a margem direita do rio Cunene para reagrupar as forças de Naulila com as que estavam nos morros do Caluêque sob o comando do major Salgado, mas estas, já tinham retirado sobre a Dengoena, para onde Roçadas se encaminhou e dali para Gambos ao encontro de um batalhão de marinha. Em Gambos, recebeu Roçadas ordens para entregar o comando ao General Pereira de Eça.

Os portugueses retiraram de Naulila; os alemães, retiraram para a sua colónia, razão por que não houve vencedores nem vencidos. Desastre? Talvez, para ambos os lados, segundo a opinião dos Altos Comandos.

D.

DA BONCA

coração um leito quentinho para receber o Menino e, por cada umas destas acções, tereis direito a trazer uma palhinha para o Presépio.

Compreenderam?

Assim se ia exprimindo o bom do abade e, logo que concluiu, perguntou num rasgo de generosidade, o menino Francisco: — quando começamos a trazer as palhinhas?

— No próximo domingo inauguraremos o Presépio e nessa altura eu receberei as palhinhas das vossas mãos e dos vossos corações. Dando a bênção a cada uma das crianças, despediu-se delas, as quais seguiram para suas casas já cheias de bons propósitos de praticar sacrifícios que lhe dessem direito a trazer muitas palhinhas ao Menino Jesus.

Terezinha, que havia estado calada durante toda a sessão, ficou a cismar, muito preocupada em obter palhinhas para o Menino Jesus, mas não encontrava motivo para as conseguir, viste que, segundo a explicação do Senhor Abade, teriam de ser adquiridas com sacrifício e, por que era estudiosa e obediente, ia à igreja com gosto, cumpria sempre tudo o que seus pais determinavam com o maior prazer, dava de esmola o que havia de gastar em lambarices, ela que tudo isto fazia e rezava as suas orações sem o menor aborrecimento, como poderia levar palhinhas cheias de sacrifícios?

Mas tinha de levar alguma coisa, custasse o que custasse!

E na sua ingénua simplicidade formou desde logo propósito firme de não levar palhinhas, mas não lhe saiu, no entanto, da ideia, que também devia levar com que aquecer o Menino Jesus.

Chegou o domingo e no fim da catequese o Senhor Abade reuniu novamente os pequenos para inaugurar o Presépio com as palhinhas que cada um lhe traria, cheias de boas acções, à custa de sacrifícios feitos.

E todos começaram, com grande satisfação, a apresentar as palhinhas que tão amorosamente tinham merecido com o seu bom comportamento.

Sòmente, Terezinha, não trazia palhinhas para apresentar, o que de certo modo espantou o abade e todos os circunstantes, tanto mais que esta pequena era, realmente, uma joia de criança e portanto das que deveria apresentar-se com quantidade e qualidade.

— Não trazes então palhinhas para o Menino Jesus? — interrogou o abade.

— Não, Senhor! mas dou o vestidinho de seda da minha bonca, que é o maior sacrifício que posso fazer para agasalhar o Menino Jesus: coitadinho! como Ele está nú, cheio de frio!; assim ficará mais quentinho...!

— O abade recebeu o vestido, comovidamente, cobrindo com ele o Menino Jesus, em sinal de aprovação do generoso gesto desta pequena criatura de alma grande, perante a assistência que também admirava a nobre acção desta menina e de todos os seus companheiros, começando a dispor no presépio, muitas e muitas palhinhas conseguidas à custa dos sacrifícios de todas aquelas almas puras, que dispensaram, deste modo, ao seu Menino-Deus, o melhor preito de homenagem na sua Festa Natalícia.

EME

NUMA ASSEMBLEIA CONCORRIDA foram eleitos os novos corpos gerentes da Santa Casa da Misericórdia

Tal como estava anunciado, realizou-se no passado sábado, pelas 15 horas, na sua sede, a assembleia geral da Santa Casa da Misericórdia de Amares, para eleição dos corpos gerentes para o triénio de 1958-1960.

Presidiu aos trabalhos o senhor António Carlos Rodrigues de Azevedo, presidente da assembleia geral, tendo a ladeá-lo os srs. José dos Santos Meneses e dr. António José da Costa. Como escrutinadores foram escolhidos os srs. António Geraldino Santos Meneses e Januário da Silva Barros.

Decorrida a votação verificou-se a eleição dos corpos gerentes, cuja sanção superior se havia verificado, e que são os seguintes:

Assembleia geral

Presidente, António Car-

los Rodrigues de Azevedo; Vogal sub. Paulo Barbosa de Macedo; Vogal, António Alves da Mota.

Mesa

Provedor, Dr. Manuel Arantes Rodrigues; Secretário, João Barbosa de Macedo; Tesoureiro, Rev. Albino José Fernandes Alves; Vogais: Dr. Eduardo Gonçalves, Dr. António José da Costa, Dr. Tomás Gonçalves de Andrade e Dr. Aristides Marques Vilela.

Substitutos

Alvaro de Araújo Gomes, Agostinho César Correia Peixoto, José António Pires e Carlos Augusto Gonçalves.

A posse realiza-se no próximo dia 5 de Janeiro, na sede da Santa Casa da Misericórdia, no Largo do Dr. Oliveira Salazar.

Bilhetes - Cartas de Angola

XVI

Velho amigo Pedro Lucas:

Com o favor de um mar bonançoso e com a Bênção do Santíssimo Corpo de Deus, continuamos a sulcar águas.

O Silva, visivelmente impressionado com a grandeza da nossa festa, não obstante ao ajoelhar, para melhor expandir a sua devoção e a sua piedade, ter esmagado os vícios rectilíneos das suas calças novas (nas quais, a tesoura mágica do consumado mestre Raúl tinha posto um tom elegantemente futurista) nem por isso ficou arreluíado ou se deixou prostrar. Amigo de saber, como é, metralhou-me com perguntas várias sobre a origem e a história desta festividade e, por isso, não pude esquivar-me a uma resposta, ainda que muito concisa.

Assim, tive de lhe dizer que data da segunda metade do século XIII e foi criada pelo Papa Urbano IV na quinta-feira que se segue, imediatamente, ao Domingo do SS. Trindade, para que Cristo sob as espécies Eucarísticas seja exaltado e glorificado com todo o esplendor, o que, em Quinta-Feira Santa, não é possível, por causa das solenidades referentes à Paixão, embora seja o aniversário da instituição do SS. Sacramento.

O mundo cristão correspondeu aos desejos de Sua Santidade, e Portugal também, tal como atestam os tronos das nossas igrejas, o sagrado Lausperene de Lisboa — a cidade mais Eucarística do mundo — etc.

D. Maria I solenizou extraordinariamente esta festa e

cabia às Câmaras Municipais organizar a colorida procissão de que nos falam vários cronistas. No tempo de D. João IV, era o Rei Restaurador e a sua côrte quem, em Lisboa, pegava às varas do Pálio. E, daí para cá, a Corte Lusitana jamais deixou de tomar parte, solenemente, no soleníssimo Préstio festivo.

As estrofes do «Laudã Sion», à mistura com espirais de incenso, lembram o triunfo e a glória com que eram recebidos, na Roma dos Césares, os vencedores, os heróis e também os semi-deuses.

Além disso, a Festa do Corpo de Deus, não só em Portugal, mas também na maioria das nações católicas, passou a ser celebrada com carácter na-

«Tribuna Livre» - N.º 103-21-12-957

EDITAL

(1.ª publicação)

Nelson Pereira Cardoso, Juiz das Execuções Fiscais de Vila Verde.

Faço saber que no dia 25 do mês de Janeiro pelas onze horas, à porta deste Tribunal se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que for oferecido dos bens abaixo designados penhorados a Maria das Dores Ferreira de Sousa para pagamento de contribuições predial do ano de 1957.

Designação dos bens penhorados: Cinco vasilhas de 2.250 litros ca-

vera. As coisas têm também a sua expressão e a sua significação. Aquela sala era um recinto que não fora feito para a piedade. O Cristo na cruz, pendurado na parede, parecia estar de novo no Calvário.

O pequeno criminoso estava sósinho. Quem ia defender o ladrão de dez anos? Só as

cional.

Amigo Silva: — Desta vez ainda não pagarás nada pelo «sermão»... porque o não «encomendaste»... Mas não esqueças: estas coisas custam caro e pagam-se bem.

Para os teus e para ti, envolta num abraço, a saúdade sem fim do amigo, ex corde,

Boa-Fé, 15/12/1957.

GONZAGA DA CRUZ

da às quais foi dado o valor de 3.000\$00 (três mil escudos) feitas em madeira de castanho e com arcos de ferro.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos e desconhecidos do executado para deduzirem os seus direitos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar nos lugares do estilo

E eu, César Augusto de Carvalho, escrivão o subcrevi.

Vila Verde, 19 de Dezembro de 1957.

O Juiz,

Assinado

RECORTE

(Continuação da 6.ª página)

duas lágrimas que pelas faces lhe corriam; só a sua infância já envelhecida de miséria, ou então aquele raio de sol, sorriso de Deus, que entrava pela janela e lhe acariciava os cabelos pretos.

— Onde estão os pais deste pequeno? — perguntou o juiz.

— E' abandonado, — disse o escrivão.

A criança rôta tremeu e aconchegou a camisa ao peito, como se tivesse sentido uma dôr.

O juiz ficou pensativo, inclinou a cabeça e perguntou: — Então não tem parentes?

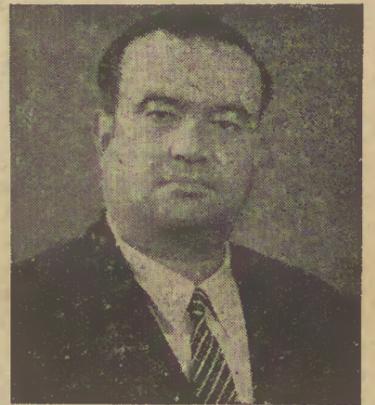
O escrivão achou estranha a pergunta, tratando-se de um garoto abandonado, e nem a considerou digna de nota. Continuou batendo compasso com a pena.

O juiz, esse continuava a olhar para a criança que tremia, para os seus braços nus e delgados, para o peito esquelético, mal oculto pelos farrapos miseráveis, para o brilho húmido daqueles olhos, para aquela pequena cabeça onde o pensamento adormecido não conhecia outra luz do que a do sol. Era singular o que sentia o juiz, olhando a criança rôta! Talvez influência de algumas poesias, que lera pela manhã, numa revista. Há que tempos ele não tinha lido um verso! Estranho delírio da imaginação!

A sala lhe parecia convertida num trono, onde se sentava o Futuro. Em volta estendia-se um terreno imenso, sem fim, que se enchia com uma multidão inumerável, convocada pelo Futuro. Era toda e humanidade reunida para assistir ao julgamento daquela

Agostinho da Silva Villela

A Família enlutada, agradece as sentidas condolências que recebeu por falecimento de



Agostinho da Silva Villela, na impossibilidade de a todos agradecer directamente.

«Tribuna Livre» aproveita a oportunidade de manifestar o seu profundo sentimento de pesar pela perda deste seu amigo e assinante muito dedicado.

criança faminta e rôta. Então uma voz estrondosa e severa disse:

— Que Deus vos julgue e reconheça quem tem mais culpa: se essa criança abandonada, esse inocente que só conhece no mundo as necessidades e que vagueia às escuras, ou quem se esquece de amparar e ensinar os órfãos.

O juiz levantou-se, aproximou-se do pequeno criminoso que aguardava a sentença, e pousando a mão sobre os cabelos negros da criança, disse-lhe:

— Venha, meu filho. Seu lugar não é no tribunal, mas na escola...

SELDA POTOCKA

Folhetim da «Tribuna Livre», 51

SEMPRE NOIVOS

Por Porfírio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

Só um acontecimento desses é que poderia levar o abastado proprietário a limpar as teias de aranhas que havia por todos os lados e a mandar cair as paredes, já ennegrecidas pelo desleixo e pelo tempo.

Não ficou obra aseada, mas para o que estava não se podia exigir mais, e isso mesmo já representava um sacrifício para os hábitos costumeiros do dono da casa.

E, contudo, a residência não se podia classificar de um verdadeiro ninho de amor, tanto mais que esse casamento não fôra celebrado à base desse sentimento, mas sobre os cálculos de rígidos números.

A senhora Morgada do Souto, que não anuira a esse enlace com entusiasmo e até por vontade, logo no dia seguinte teve a noção aproximada do que seria a sua vida futura na companhia do marido.

Os génios não se conjugavam e os gostos divergiam contundentemente.

O Morgado do Souto, com o casamento, não alterava os seus antigos hábitos e quando a esposa, com bons modos, e quase com ternura, procurava levá-lo a modificar a estrutura da sua maneira de ver e de agir, de harmonia com as exigências da saúde e da vida moderna, civilizada, reagia com violência e, por vezes, ia até ao ponto de ser incorrecto!

D. Leopoldina, depois de muitas tentativas infrutíferas, no sentido de substituir os deploráveis hábitos de seu marido, desistiu de levar a cabo o que impusera a si própria, visto ele não ser de molde a corrigir-se.

Para o Morgado a mulher não passava de uma «sócia» que lhe aumentara, consideravelmente, o capital que ele administrava a seu bel-prazer.

A esposa dentro de pouco tempo compreendera o seu triste e simples papel de governanta naquela casa, visto que o marido levou o seu desinteresse por ela ao ponto de viverem cada um no seu quarto.

Pelo rodar dos tempos essa separação tornou-se extensiva às refeições, em virtude de o Morgado, na maioria das vezes não estar em casa a tempo e hora para o almoço e jantar.

D. Leopoldina, no silêncio e no isolamento, do seu quarto, carpia as suas desditas e insurgia-se contra si própria por haver anuído a um casamento que não desejava.

* * *

Os caseiros da quinta do Vale, em permanente «Lua de Mel» podiam-se considerar, com propriedade, «os sempre noivos», tal era a alegria e a felicidade que os embalava na companhia um do outro.

— Agora, meu amor, minha querida Maria Teresa, temos que enfrentar com coragem e decisão os trabalhos agrícolas que a nossa condição de lavradores-caseiros nos impõe.

— Quando há alegria e felicidade — meu querido José — o trabalho não é mais do que um agradável passa-tempo, principalmente para a mulher que ama com verdadeira paixão o seu maridinho.

— Esta paixão, este amor, que nos unem cada vez mais, serão maiores pelo rodar dos tempos — se maiores podem ser, minha encantadora mulhêrzinha.

A vida do lar, quando marido e mulher vivem um para o outro, na constância de um perfeito entendimento, é a imagem real do jardim «edénico» que a nossa fantasia sonhou e criou em arrobos de luz e de beleza.

— Foi assim que eu sonhei a minha felicidade na tua doce companhia...

Dia e noite não me saías do pensamento e cada vez o meu amor por ti era mais profundo e arreigado.

Naquela linda e perfumada manhã de Maio, quando nos encontramos pela primeira vez no adro da igreja, depois de vires de Lisboa, da tropa, senti uma alegria que não tenho palavras com que a descreva em toda a sua intensidade e beleza.

Só te digo, meu amor, que experimentei a sensação mais agradável, até ali, da minha vida e que o meu coração se alvoroçou, de contentamento, de tal maneira que pulsava, desordenadamente, em ritmo acelerado.

Essa luminosa manhã, cheia de perfumes e de cores, impressionou-me a alma de luz e de poesia para sempre!

(CONTINUA)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Dos mais consagrados centros da vida eremítica partiu o grande movimento da sua libertação; então é que a Fé passou a ser chama viva que ardeu sem se ver!

E tem vindo então um bom número de estudiosos portugueses e hespanhois a debater cada vez com mais afinco os problemas — se as instituições religiosas de Entre-Homem e Douro se mantiveram ou sofreram descontinuidade, através do longo período da Reconquista, cheio de alternativas e de perplexidades; se a Cristandade bracarense se deve ou não confessar devedora de uma hospitalidade que lhe seria prodigalizada à sombra do *Christianos secum ad patriam duxit* de Afonso I das Astúrias.

Que os príncipes cristãos não tivessem dispensado em meio das suas hostes e campanha a presença calorosa dos prelados bracarenses, nos precedentes do que sempre foi, em tais apuros, a sua dupla e alta missão de pontífices e guerreiros, é tão natural como aceitável; porém, que as populações cristãs arredassem pé do seu meio e se internassem nas Astúrias, à procura de melhor refúgio do que a Providência lhes concedera, como acentua João de Barros e já se referiu, é contrário a toda a lógica e volume dos acontecimentos, que provam quanto as rivalidades políticas recrudesceram de muito fundo neste «campo intrincheirado» da Espanha em que se quebrou, toda a fúria das investidas árabes até ao firme propósito que sempre animou os seus habitantes — o da obtenção e conquista de uma autonomia nacional.

Antes se verifica desde muito cedo a transposição para esta linha avançada de destacadas personagens da dinastia ásture-leoneza, no colmilhar de tantas torres e solares de que se foi fortificando; e vieram assimilar os mesmos ideais e as mesmas fortes esperanças.

De modo algum as populações rurais se rarefizeram, tornaram-se pelo contrário, mais compactas.

Diga-se mesmo em abono da verdade, nunca se atingiu pelas aldeias uma sociedade tão perfeita e completa; tão unida em sólida estrutura, entremiada de clero, nobreza e povo, a produzir uma liga que se pode aferir pela rija tèmpera dos varões de Entre-Minho e Douro, em cujo ânimo se radicou de longe uma consciência de Nacionalidade.

E todas essas vicissitudes da vida das primeiras sociedades religiosas são relativamente fáceis de encadear na história dos acontecimentos que lhes serviram de causa; impossíveis, contudo, de descrever no longo calvário da sua penitência e sofrimento.

Voltemos a Abadia e preste-se atenção ao autor do «*Santuário Mariano*» que, referindo-se-lhe a pág. 33 do 4.º volume, vem em defesa desta tese.

Atribuí a filiação deste antiquíssimo mosteiro aos eremitas descalços de S. to Agostinho, antes que os moiros o descobrissem e arrasaram em 726, acrescentando que os prelados bracarenses aqui encontraram refúgio durante a perseguição agarena; e que em 883 o terreno que fora mosteiro, com alguns edifícios para a defesa dos arcebispos, estava unido à Sé de Braga, sob o título de «Convento das montanhas», ou antes, estava nele fundada a Igreja de Braga com os seus retirados bispos.

Tempos de descomedida turbulência, mal azagados, a crónicas e narrativas históricas que perpetuassem até a memória de grandes acontecimentos, ocorrem por vezes circunstâncias que levam a reatar o fio das tradições; e é o caso que aponta o padre Matos Ferreira a pág. 62 do seu manuscrito «que muitas pessoas estudiosas tinham por incrível que neste lugar, onde agora está o Santuário da Abadia, existisse outrora um mosteiro de monges de S. Bento que fôra arrasado pelos mouros, vista a falta de espaço daquele sítio entalado entre duas montanhas; no entanto, quando no ano de 1725 os pedreiros abriram na frontaria da dita igreja os alicerces para o novo frontisfício e torres, acharam trinta palmos debaixo da terra muitas pedras lavradas do antigo edifício e também muitos ossos de corpos mortós, os quais deviam ser dos monges que naquele convento então residiam; que de tudo isto foram testemunhas o rev. do Padre Fr. Rodrigo de Sousa administrador que foi da igreja da Senhora da Abadia e o Padre hermitão da mesma Senhora e todas as mais pessoas que viram abrir os alicerces».

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

Deliberações da Câmara Municipal em 12-12-57

Offícios

Do Grémio de Industriais de Automóveis informando ter sido pedida, por António Magalhães & C.a, com sede em Braga, uma carteira entre Pedregais e Vila Verde, passando por Duas Igrejas, Rio Mau, Penela, Nevogilde e Revenda. A Câmara informou favoravelmente.

— Do Ministério das Comunicações, informando que foi passada licença a Manuel José da Silva, para explorar com automóvel «Chevrolet», de 5 passageiros, a praça de Vila Verde.

— Do sr. Presidente da Junta de freguesia de Covas, para abrir um caminho da E. N. 101 à Igreja Paroquial. Ao sr. Eng.º para estudo.

— Da Junta de freguesia de Carreiras, S. Miguel, pedindo 200\$00 para expediente, referente ao corrente ano.

— Do sr. Presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, pedindo aumento de salários do pessoal jornalero.

— Do sr. Presidente da Direcção da Cantina Escolar do Pico de Regalados, pedindo um subsídio. A Câmara concedeu 1.000\$00.

Concessão de licenças para obras

A António de Macedo, de Cervães, para construir uma ramada junto da estrada municipal.

— A Dr. Edmundo Barbo-

sa, Atiães, para construir uma parede de vedação à margem da E. Municipal.

— A José da Cunha Martins, Carreiras, S. Tiago, para prolongar uma mina que atravessa o sub-solo do caminho Público.

— A Epifânio Domingues, Oleiros, para abrir uma porta

e uma janela junto do caminho público.

Assistência Hospitalar

Foi concedida assistência hospitalar, a Júlio Soares Gonçalves, Vila Verde, para tirar uma radiografia no H. de S. Marcos.

Reminiscências do combate em Naulila, contra os Alemães

Passou no dia 18 do corrente, o 43.º aniversário do combate de Naulila contra os alemães. Não houve vencidos nem vencedores, mas podíamos ter custado bem caro este ataque de surpresa por parte dos alemães, se não fosse a perspicácia do tenente coronel Alves Roçadas, esse Grande Cabo de Guerra, comandante das forças portuguesas em operações no Sul de Angola, que naquela Província se encontravam com o

fim de submeter o rebelde soba «Mondume» chefe insubmisso da Tribo Cuanhama.

Como é do conhecimento, senão do público pelo menos da história, não estávamos ainda em guerra com os alemães, mas estes, acossados pelas forças inglesas da África do Sul e tentando uma saída para o mar, invadiram o sul da nossa Província de Angola. Era comandante do posto

(Continua na 4.ª página)

RECORTES

Seção de ODECAM

VERSOS INÉDITOS

DE TOBIAS BARRETO

Relógio da minha vida,
Que a desgraça adiantou,
A hora da despedida
Meu coração já soou.
Bate-me o peito entretanto,
Dos olhos corre-me o pranto,
Cujo amargor é tão bem!
Pois eu choro? O' sorte cruel!
Também o mármore sua,
Também o bronze dá som.

DIANTE DO JUIZ

Pequeno, magro, com os olhos negros de onde pingavam as lágrimas. Pálido, da palidez autêntica da miséria, e ainda tão pequeno, que não surpreenderia vê-lo desatar a choro e chamar pela mãe — se tivesse mãe! — ou fazer diabruras, pedir carícias e beijos e adormecer no colo do pai — se tivesse pai! Porém, tremulo, como um pássaro que

foi tirado do ninho e machucado, o pobre órfão estava diante do juiz acusado de ladrão.

Estranha é a sala do juiz, grande e vasia, sombria e se-

(Continua na 5.ª página)

SEJA BAIRRISTA

Anuncie no número especial do fim do ano — 2.º aniversário deste jornal — quer viva no concelho ou fora dele.

VENDE-SE EM BRAGA

Prédio de rendimento, construção nova e moderna, zona central da cidade, com 6 habitações, já todas alugadas.

GARANTE BOM JURO DE CAPITAL

Falar na Rua da Estação — Vila Junqueira — BRAGA

VENDE-SE

Padaria de pão de trigo e respectivo alvará com acumulativo de pão de milho, e moagem motorizada para farinha de milho centeio e trigo, completa.

Falar na Rua Nova da Estação - Vila Junqueira - BRAGA

TIPOGRAFIA

Tel. 62113 AMARES

PAPELARIA

TELEFONES MAIS

UTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares	62113 62141
Câmara Municipal de Amares	62121
Casa de Saúde de Amares	62122
Correios (Amares)	62116
Correios (Caldelas)	65116
Delegação de Saúde	62145
Farmácias (Amares)	62127
Farmácias (Feira Nova)	62124
Farmácias (Bouro)	3863
Farmácias (Caldelas)	65121
Guarda Republicana — Amares	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA	18
Postos Públicos (Amares)	62120
Postos Públicos (Feira Nova)	62117
Postos Públicos (Bouro)	3867
Postos Públicos (Caldelas)	65120
Postos Públicos (Entre Pontes)	7119
Postos Públicos (Goães)	3862
Postos Públicos (Rendufe)	7117
Postos Públicos (Sequeiros)	65137